

JUSTIFICATIVA
PDL 0058/2013

Biografia

José Fábio Zamith Calazans

Arquiteto, urbanista, planejador e artista plástico.

Nascimento: 19 de março de 1948

1. Formado pela FAUUSP, em 1977, com o trabalho de graduação interdisciplinar "Reestruturação Urbana da Metrópole", desenvolvido em conjunto com os arquitetos Chico Fanucci, Jose Geraldo Martins de Oliveira e José Rollemberg. Orientadores: arquitetos e professores Claudio Gomes, Edgard Dente e Julio Katinsky.

2. Titulado Mestre em 2004 pela FAUUSP com a dissertação "Estudo de Viabilidade da Reestruturação Urbana, Geopolítica e Econômica da Metrópole da Grande São Paulo". Orientação do arquiteto e professor Dr. Ubyrajara Gilioli.

A visão abrangente que Zé Calazans oferece sobre a cidade tem raízes na sua experiência de vida e profissional como arquiteto e urbanista, através de múltiplas interações com a sociedade, especialmente junto às populações da periferia e de baixa renda.

1 - Anos 1970 a 77

Ainda estudante de Arquitetura, participa da criação e desenvolvimento de movimentos populares em suas lutas urbanas e por moradia digna para todos, já propondo edificações e desenvolvendo conhecimento da estrutura urbana e social da periferia sul da metrópole.

São esses acontecimentos vividos que dão sentido ao espaço onde acontecem, e assim, cada um desses locais foi tomando seu lugar na Cidade, gerando conhecimento de sua estrutura e se relacionando de modo a subverter essa trama e participar da gestação de uma nova proposta de ordenação urbana.

José Fábio Calazans, Estudo da viabilidade da reestruturação urbana, geopolítica e econômica da Metrópole da Grande São Paulo (Dissertação de Mestrado, FAUUSP, 2003)

1. Suas atividades se desenvolvem a partir de espaços coletivos, criados junto com colegas, voltadas para produção profissional e engajamento político, estabelecendo conexões com os Movimentos Populares nascentes nos bairros da periferia extrema da zona sul de São Paulo. No início de 1970, cria o coletivo "Kibutz", em uma fábrica desativada em Pinheiro; depois, o atelier-moradia "Barracão", perto do Aeroporto de Congonhas, quando desenvolve trabalhos com Maria Nilde Masceliani; em 1974 implanta, junto com Tata Barossi, Walter Rosa e Roberto Saruê, entre outros, o "Galpão".

2. Levantamento de praças abandonadas, para subsidiar a luta do Movimento Popular nascente da São Paulo pela ocupação destas áreas e urbanização dos bairros da periferia na região de Capela do Socorro, Campo Limpo, Itapecerica da Serra e Embu-Guaçu - 1971-1974.

3. Coordenação de uma equipe multidisciplinar formada por estudantes da USP, como parte de uma comissão de articulação do Movimento Popular nascente, na periferia da zona sul de São Paulo. Comissão que contou com a participação da freira Irma Passoni, depois líder do PT; dos operários Santos Dias e Aurélio Perez, este depois líder do PC do B, e de um representante dos pequenos bairros.

A equipe elabora ampla pesquisa da situação de Transporte Público para a região, permitindo mapear e conhecer a estrutura urbana dos eixos de Campo Limpo, estrada do M'Boi Mirim, Itapecerica da Serra e Capela do Socorro - 1972-1973.

4. Elaboração, em conjunto com uma comissão coordenadora dos bairros mais atuantes, de uma proposta urbanística ambiental das margens das represas do

Guarapiranga e da Billings, com centenas de bairros populares em volta. Esse trabalho estende o conhecimento das estruturas urbanas e sociais dessa região até às cidades de Diadema, São Bernardo do Campo, Santo André e Ribeirão Pires - 1972-1975.

5. Participa do Movimento pela construção de uma creche em cada bairro da periferia, realizado com a comissão coordenadora do Movimento Popular na região, em conjunto com Associações de Bairro e Centros Comunitários que começavam a surgir. Assume a função de arquiteto responsável pelo mapeamento de centenas de áreas livres capazes de absorver estes programas, a serem construídos dentro de "áreas de uso comum do Povo" - 1972-1974.

6. Projeta, junto com Antonio Carlos Barossi, Estudos Preliminares e de Pré-Viabilidade para a construção integrada de trinta Sociedades Amigos de Bairro, em conjunto com trinta Centros Comunitários.

7. Em 1975, afastamento dos movimentos populares, por pressão do DOPS. Convocado a dar um depoimento de longa duração ao Delegado Fleury, é intimado, sob ameaça, a se retirar de qualquer trabalho na periferia.

8. De 1976 a 1977, termina a graduação na FAUUSP.

II - Anos 1978 a 95

Já graduado em Arquitetura, atua intensamente no planejamento habitacional de grandes áreas de favela de São Paulo, junto com associações e lideranças locais, pensando sua reestruturação de modo a fazê-las parte integrante da cidade; propondo um novo desenho de seus núcleos residenciais e equipamentos coletivos. Assim ia o Zé, desenhando a reurbanização de São Paulo, com seus inúmeros projetos, sempre muito inteligentes, sempre muito filiados ao que de melhor nos ensinou a arquitetura moderna brasileira e, sempre, muito apaixonado pela vida que iria fluir, feliz, naqueles conjuntos!

Pedro Mendes da Rocha, Arquiteto, in e-Arquiteto, Edição 91, dezembro, 2012

1. Em 1978, com as greves do ABC e a luta pela anistia, volta para a prática política, agora mais imbricada com a sua produção da Habitação Popular.

2. Coordenação, em 1981, de grupo eleito em Assembleia para elaborar a proposta do Sindicato dos Arquitetos do Estado de São Paulo, levada à histórica Primeira Conferência Nacional dos Trabalhadores do Campo e da Cidade, de todo o país - grande marco da reorganização do Movimento Sindical Nacional.

3. Na primeira Conferência Geral dos Trabalhadores do País, em 1981, é relator das teses do Sindicato para a Política Habitacional e Urbana do País,.

4. Coordenação, em 1981, de equipe multidisciplinar, a convite da Associação dos Ocupantes da gleba denominada Primeiro de Outubro, para elaboração de um Projeto Urbanístico e Habitacional da Ocupação e de seu Estudo de Viabilidade. A gleba, na periferia de Guaianases, no caminho do Itaim Paulista, foi a primeira grande ocupação de terra da Metrópole. Limitações políticas impediram as soluções previstas, mas o estudo colaborou para a permanência dos moradores na área ocupada, marco do Movimento Popular de São Paulo.

5. Membro da diretoria do Instituto dos Arquitetos de São Paulo, como coordenador da Comissão de Política Urbana e Habitacional, faz a mediação entre o Governo Estadual e o Governo Federal, a União Internacional dos Arquitetos, e os participantes da célebre ocupação das 600 casas do Centreville, abandonadas havia seis anos, na periferia de Santo André.

Traz para a Comissão o Estudo de Viabilidade que buscou demonstrar à sociedade a possibilidade de os ocupantes, na maioria moradores das favelas do entorno, comprar, dentro das condições de cada família, as grandes casas, desde que fosse pago o seu valor de custo.

6. Coordenação, em 1983, da equipe multidisciplinar contratada pela Prefeitura da cidade do Embu das Artes por sugestão do Conselho de Favelas da Cidade, para elaboração de um Plano Global de Reurbanização de Todas as Favelas da Cidade.

O trabalho resultou em uma proposta de inserção da cidade no tecido metropolitano da Grande São Paulo, e de recuperação de suas áreas ambientais -

base de um conhecimento dos eixos de Osasco, Taboão, Embu, Itapecerica, Carapicuíba e Barueri.

7. Coordenação da equipe multidisciplinar, contratada pela Administração Regional do Campo Limpo, já na gestão do Prefeito Mário Covas, por sugestão do Movimento de Favelas do Campo Limpo, para elaboração de um Plano Urbanístico de ocupação das praças abandonadas.

8. Este trabalho, de 1982-83, permite elaborar, em conjunto com a Federação das Associações de Favelas de toda a região polarizada por Campo Limpo e a Federação das Sociedades Amigos, uma minuta de lei, estabelecendo que os recursos provenientes de venda da terra das praças ocupadas ou sem vocação urbanística, nos loteamentos mal planejados, após sua "desafetação" por quorum qualificado de 3/5 de votos na Câmara Municipal, fossem destinados à criação de um Fundo Regional de Habitação e Desenvolvimento Urbano.

9. Coordenação do grupo multidisciplinar da equipe política responsável pela conquista e desapropriação da imensa fazenda dos Adventistas no coração das Regiões de Campo Limpo e M'Boi Mirim.

10. Em 1983, monta seu escritório no largo São Bento, onde passa a estabelecer relações profissionais, muitas de caráter político, com várias cidades e Espaços Geopolíticos da Metrópole, sobretudo com o Movimento de Favelas.

11. Tendo se aproximado, durante o trabalho com os moradores do Centreville, das lideranças das Federações das Associações de Favelas de São Bernardo do Campo, é convidado por uma frente dessas Federações para elaborar um Plano Global e Integrado de Urbanização das cem favelas da cidade, que contavam com mais de cem mil habitantes morando em condições subumanas - 1983-1984.

12. Concretiza, a partir desse trabalho, o Projeto de Urbanização Integrada das Favelas, que prevê sua integração em cada região da cidade, em reurbanização conjunta. Esse plano previa a compra ou desapropriação de uma série de Áreas de Apoio em toda a metrópole, de modo a permitir o suficiente para a reurbanização e construção das moradias das favelas da Metrópole, integrando os novos bairros Populares que emergiriam desse trabalho. Os recursos que cada morador pagaria pela terra ocupada, de acordo com suas condições, permitiriam a recuperação do estoque de praças do bairro e de equipamentos fundamentais ao enriquecimento de sua vida urbana.

13. Convidado pela União de Favelas da Zona Leste, com o apoio do Conselho de Favelas de São Paulo, a elaborar Plano Integrado de Urbanização das Favelas, envolvendo as chamadas Zona Leste 1 e Zona Leste 2 e vindo desde o Brás, Mooca, Belém, Tatuapé,

Penha, atingindo de um lado Arthur Alvim, Itaquera, Guaianases, Itaim Paulista, São Miguel e do outro lado, na direção do ABC, as regiões de Vila Prudente, Sapopemba, Vila Formosa, Iguatemi.

14. Contratado como funcionário do CDHU, no Governo Montoro, trabalha para equacionar o problema da terra de toda a cidade de São Bernardo. Com apoio do então Secretário de Habitação, José Carlos Seixas, monta um escritório multidisciplinar, com mais de 20 profissionais.

Obtém o aval dos Movimentos de Favelas e Associações de Bairro interessados no trabalho de realização de um Plano Metropolitano de reconstrução das favelas da Metrópole, conforme o Projeto de Urbanização Integrada das Favelas, demonstrando a viabilidade financeira desta meta.

15. Mapeia áreas livres, particulares e públicas, visitando centenas de bairros e regiões da metrópole e da Capital. Desenha projetos de moradias e casas populares, bem como seu entorno, para grande número de comunidades.

16. Em 1986, no segundo semestre, elabora um Plano Estadual de Habitação e Desenvolvimento Urbano, enfatizando o Plano Metropolitano. Nesse período busca definir políticas distintas e o estudo de sua viabilidade para o universo dos moradores de cortiço, moradores de aluguel, de loteamentos clandestinos, donos de lote na periferia, em trabalho articulado com os Sindicatos, juntamente com um estudo detalhado do estoque de áreas vazias da Grande São Paulo.

17. É demitido da CDHU, em 1987, juntamente com metade dos profissionais da equipe organizada para esse trabalho, criando-se aí barreiras políticas para sua atuação junto às comunidades.

18. De 1987 a 1995, já fora da CDHU, realiza trabalhos na Assessoria do Conselho de Favelas de São Paulo. Desenvolve seu conhecimento físico-social e histórico de três regiões da metrópole.

19. Em 1993, é relator do Grupo de Política Habitacional da Câmara Setorial da Construção Civil do País e contratado para elaborar um Plano Habitacional e de Saneamento do País para subsidiar o Acordo Setorial.

20. Em 1994 e 1995, desenvolve Projeto Arquitetônico, em conjunto com os arquitetos Claudio Manetti e Mônica Grammer, de um Edifício-Cidade, para mil famílias de trabalhadores de onze Movimentos Populares, em um terreno no vale de um afluente do rio Pirajussara, ao lado do Centro Urbano do Jardim Nakamura, na estrada do M'Boi Mirim.

III - Anos 1995 a 2002

Distanciado das políticas públicas de habitação, vive praticamente isolado da sociedade civil e de suas relações. Nesses dias difíceis, o que o sustenta é a visão abrangente da Metrópole, conquistada nos anos anteriores, e sua vontade de transformá-la. Continua a desenhar, e dos fragmentos que elabora desenvolve o fazer artístico.

As depressões e euforias, que acompanham esse percurso, vão além do sofrimento vivido, alimentam a compreensão e emulam a criação incessante, permitem conviver com as asperezas dos abismos e com a claridade brilhante dos novos horizontes.

Sylvio Barros Sawaya, Arquiteto e Professor, in Croquis de uma vida, croqui de uma vida, de José Fábio Calazans, FAUUSP, 2011.

1. Cursa pós-graduação na FAUUSP, no Mestrado, em que continua a repensar as estruturas da Metrópole. Cursa disciplinas da área de estruturas ambientais - 1997-1999.

2. Em 1998 e 1999, no início do curso de Pós Graduação, buscando uma nova concepção para a trama urbana da metrópole, produz um grande mapa, na escala 1:50.000, onde estuda a hipsometria da paisagem do Planalto, expressando as distinções das alturas em relação ao mar de cada ponto da paisagem, com cores diferenciadas, e relacionando cada ponto da paisagem com a estrutura da trama urbana construída ao longo da história da metrópole.

3. Fazendo as disciplinas dos professores arquitetos Ubyrajara Gilioli, Sylvio Sawaia e Miguel Pereira, nos mesmos anos desenha outro grande mapa de hipsometria, na escala 1:10.000, focando no centro a várzea do Tietê, desde Barueri até Mogi das Cruzes. Mapa que, utilizando um sistema de cores, serve de base para descobrir e visualizar uma percepção renovadora da trama urbana, destacando o encontro das várzeas de cada afluente com a várzea do Tietê.

4. Estuda e desenha novas estruturas urbanas e geopolíticas para a Metrópole, buscando superar o desenho radioconcêntrico das estruturas vigentes; na busca de aproximação da casa mais distante da cidade ao centro da cidade.

No contexto dos estudos para a dissertação, projeta em 1998 um edifício para o Centro Urbano. Cada apartamento é uma grande carcaça de dez metros de largura por 17,5 de comprimento, com um pé direito duplo. Denominou essa casa-apartamento de Buraco Negro ("as estrelas que somem do Universo e passam a formar outros universos dentro do próprio Universo"). A penetração de uma rua interna do prédio por dentro do próprio apartamento cria uma permeação entre o público e o privado, sem se molestarem.

5. Produz coleção de obras artísticas baseadas na articulação de fragmentos que realiza em diferentes materiais expressivos.

6. Faz trabalhos de forma esparsa. Em 1999, abandona o Mestrado.

IV - 2002-2012

Participa intensamente de diferentes contextos que lhe parecem promissores para uma atuação na Cidade e com seus habitantes, desenvolvendo trabalhos como

arquiteto, planejador urbano e palestrante, retomando a ação política de modo sistemático.

Historicamente, estou dando uma cambalhota em minha vida [...]. Estou reencontrando as lideranças [...] a Federação das Favelas de São Bernardo. [...] estou descobrindo que grande parte das obras dos projetos que fizemos há 25 anos atrás estão sendo construídos somente agora. Evidentemente, com outros projetos e padrões. Mas a vida nos ensina que não dominamos o tempo da história. Temos que rumar no sentido de suas contradições.

José Fábio Calazans, e-mail pessoal.

1. Em 2003/2004, retoma o Mestrado. Trabalha na sistematização e desenvolvimento de sua proposta de dissertação. Defende a Qualificação.
2. Titulado Mestre em 2004 pela FAUUSP, com a dissertação "Estudo de Viabilidade da Reestruturação Urbana, Geopolítica e Econômica da Metrópole da Grande São Paulo". Orientação do arquiteto e professor Dr. Ubyrajara Gilioli. Banca formada pelo orientador e os arquitetos e professores Drs. Silvio Sawaia e José Magalhães Junior. Aprovado, com a emissão pela banca de uma moção à comissão de Pós Graduação da FAUUSP para que a Faculdade recomendasse às Editoras Nacionais a publicação da dissertação.
3. Estabelece contato com instâncias políticas de esquerda, partidos políticos e vereadores, para proposições sobre questões de habitação popular, considerando que a política é afeta ao espaço de trabalho do arquiteto.
4. Trabalha com alunos de arquitetura, como estagiários, em sua casa-atelier, atuando como orientador de projetos e repassando conhecimentos da área.
5. Participa de aulas e debates sobre política urbana em grêmios estudantis, departamentos de ensino, bem como de bancas de trabalho final de graduação de estudantes da FAUUSP.
6. Ampliando as análises da dissertação, desenvolve estudos econômicos na busca de viabilizar formas e estratégias para obter moradias populares mais dignas e espaçosas, procurando compatibilizar sua proposta de reforma estrutural da política habitacional do país com o Sistema Financeiro Nacional de Habitação. Apresenta tais perspectivas em vários contextos.
7. Em 2006, 2007 e 2008, realiza dois Estudos para uma Habitação de 75 a 80 m² para duas favelas ao lado do Centreville, e para uma ONG popular de Santo André.
8. Desenvolve o projeto do conjunto urbanístico das casas-escolas na Grande São Paulo, contratado pela ONG Amova. Desenha os apartamentos, propondo um atelier de estudo e criação, com computadores e um pequeno espaço para biblioteca multimeios.
9. Filia-se ao PSB em 02/11/2008, ficando responsável por estudos e propostas na área de habitação.
10. Realiza exposição de suas pinturas, denominada "Paisagens da Alma". Curadoria de Tininha Calazans - 2009.
11. É convidado a fazer uma exposição na FAUUSP de seus projetos, por André Takia, que organiza a infraestrutura e acompanha a preparação dos materiais - 2010.
12. Exposição comemorativa, na FAUUSP, dos 40 anos de obra de José Fábio, intitulada croquis de uma vida, croqui de uma vida: a casa e a cidade, a cidade e a casa. Faz a aula inaugural, com o tema Habitação para todos numa cidade verdadeiramente mista. Curadoria de Regina Célia Bega - 2011.
13. Publicação do livro "Croquis de uma vida, croqui de uma vida: a casa e a cidade, a cidade e a casa", elaborado em conjunto com a organização da exposição. Nesse livro, estão reunidos os desenhos dos projetos de edificações individuais e coletivas bem como de seu entorno. Sistematização do livro por André Takia e Antonio Carlos Barossi.
14. Participação no Grupo de Tombamento e Revitalização do Colégio Estadual Prof. Alberto Conte, em Santo Amaro, designado relator do grupo. Trabalha na Proposta de tombamento e revitalização da trama urbana do centro histórico de Santo Amaro.

15. Participa da Operação Urbana Polo de Desenvolvimento Sul, desenhando a proposta junto com Adelino Ozores, integrando o trabalho à Rede Santo Amaro, na qual é relator do GT de Arquitetura e Urbanismo da Rede Santo Amaro.

16. Para subsidiar seu trabalho nesses grupos, realiza pesquisa histórica do povoamento de Santo Amaro, e uma "arqueologia" de suas ruas atuais.

17. Desenvolve para Santo Amaro o projeto urbanístico "Cidadela", integrado ao trabalho de tombamento.

18. Participa da primeira reunião do Plano Diretor da Zona Sul; tendo visitado, nas três semanas anteriores, os bairros da periferia sul, como preparação da reunião.

19. Pesquisa e estrutura propostas que possibilitem a participação da sociedade civil, de forma paritária, nos Estudos, Planos e Projetos governamentais que lhes são concernentes. Baseia sua argumentação no artigo 180 da Constituição.

20. Faz um pronunciamento que culmina no desfecho da finalização da aprovação do PMH na Câmara.

21. Propõe um projeto habitacional, para implantar moradias para cerca de 6.000 famílias, da Vila Galvão. Seu contrato, após meses de trabalho, é aprovado (o primeiro, nesses moldes, desde 1995) em uma reunião com três lideranças populares. Outubro de 2012.

Pelo exposto, a outorga de Medalha Anchieta e Diploma de gratidão ao Sr. José Fábio Calazans se faz justificável por sua militância e atuação na periferia em defesa de moradia popular, apaixonado por arquitetura, por desenho, por ser um radical combatente da ditadura, pelo respeito democrático, das relações pessoais *latu sensu*, e de todas as inúmeras agremiações."